

PASCHOAL, Wilson Aparecido; OLIVEIRA, Larissa Alves de.; VITTO, Douglas; MOURA, Jeani Delgado P. O trabalho de campo como metodologia ativa: estudo de caso na formação inicial para a docência em geografia. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>.

O TRABALHO DE CAMPO COMO METODOLOGIA ATIVA: ESTUDO DE CASO NA FORMAÇÃO INICIAL PARA A DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA

Wilson Aparecido Paschoal
wilsonpaschoal@gmail.com

Larissa Alves de Oliveira
larissa-alvez@hotmail.com

Douglas Vitto
d_vitto@hotmail.com

Bolsistas CAPES/PIBID, Curso de Geografia/UEL

Jeani Delgado Paschoal Moura
jeanimoura@uol.com.br

Coordenadora do PIBID de Geografia/UEL

INTRODUÇÃO

A participação do aluno dos cursos de licenciatura no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Governo Federal, visa “promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas” (CAPES, 2014). No que se refere ao Curso de Licenciatura em Geografia, o referido programa permite ao bolsista, pensar criticamente o espaço escolar e o modo de desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, obtendo, assim, a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos, adquiridos ao longo da formação acadêmica, de forma articulada com os saberes construídos na experiência prática, fruto do contato direto com o futuro campo profissional.

As reflexões apresentadas acerca das potencialidades dos trabalhos de campo, como metodologia de ensino, foram motivadas pelas experiências vivenciadas por estudantes durante a sua formação profissional no curso de Geografia, bacharelado e/ou licenciatura, em que inúmeras saídas a campo são oferecidas, nas diferentes disciplinas, com o objetivo de tornar a aprendizagem acadêmica mais ligada à realidade concreta. Assim, aprendemos a reconhecer o valor e a importância dos trabalhos de campo, o que nos levou a análise sobre as contribuições pedagógicas desta metodologia ativa, na

educação básica. O propósito do presente trabalho é compartilhar e avaliar a experiência dos alunos/bolsistas do PIBID na utilização do trabalho de campo como ferramenta didática de ensino e aprendizagem em Geografia.

OBJETIVOS

A proposição deste espaço de diálogos e práticas (EDPs) objetiva avaliar os impactos do PIBID na formação inicial para a docência, a partir do estudo de caso, no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina/UEL, cuja proposta consiste na elaboração, pelos bolsistas, de projetos de ensino desenvolvidos junto aos alunos do ensino fundamental e médio, em colégios da rede pública de ensino. Dentre os inúmeros projetos aplicados, este espaço terá como foco debater a prática do trabalho de campo, considerado uma metodologia ativa por se constituir em uma forma singular de ‘ver’ e ‘pensar’ o mundo, estimulando a visualização dos conteúdos da Geografia na vida cotidiana, visando o desenvolvimento de habilidades e competências em busca da formação de um aluno/cidadão crítico.

O trabalho de campo é uma metodologia corrente no PIBID de Geografia da UEL, o qual pela necessidade de contribuir com outras realidades, além das escolas parceiras, busca desenvolver práticas dentro do “Projeto PIBID Itinerante”, impactando outras realidades, distintas daquelas onde os bolsistas do projeto estão ligados. Dessa forma, por meio do PIBID Itinerante, foi possível oferecer o trabalho de campo para alunos, do 4º ano do magistério e 3º ano do ensino médio, do Colégio Estadual Cristóvão Colombo, de Jardim Alegre, Paraná, em colaboração com os professores de Geografia, Química e Sociologia, com o objetivo de explorar a realidade londrinense por meio da visita e reconhecimento do espaço da UEL e do Jardim Botânico.

Estes locais foram previamente escolhidos com o objetivo de trabalhar na interface do conhecimento, com foco na interdisciplinaridade, que visa restabelecer um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento científico, rompendo com as barreiras causadas pela divisão da ciência em várias disciplinas, pois “[...] a Geografia pela natureza de seu objeto de estudo (multidimensional), é uma disciplina privilegiada para o exercício da interdisciplinaridade” (CAVALCANTI, 2010, p.11).

O trabalho de campo buscou colocar os alunos do município de Jardim Alegre, Paraná, em contato com a realidade de uma Universidade revelando a sua dinâmica e funcionamento através do contato direto dos alunos com alguns laboratórios onde são feitas pesquisas e as instalações em geral da universidade, conhecer a realidade do cotidiano dos graduandos, além do conhecimento do Jardim Botânico, laboratório ao ar livre dos pesquisadores e área de lazer dos moradores da cidade.

METODOLOGIA

O trabalho de campo se configura como ferramenta didática no ensino-aprendizagem, um importante aliado do educador, capaz de atribuir a dimensão da prática aos conteúdos teóricos de sala de aula. Segundo Martinez e Leme (s/d, p. 05)

[...] o trabalho de campo é um meio para que o aluno passe a desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento, neste caso, ele é meramente um instrumento, não um fim em si mesmo.

A realização de trabalhos de campo no âmbito da escolarização básica, não se efetiva somente a partir de longos trajetos, visto que poderá ser um meio estimulador da observação da realidade do entorno escolar, um procedimento profícuo para desenvolver nos alunos as habilidades de observação, descrição, comparação, interpretação e análise, alcançando-se, assim, a capacidade de compreensão, organização e síntese, ressaltados pelos autores supracitados, que poderá contribuir na preparação dos educandos, passando pela ideia de “aprender a fazer”. De acordo com Delors (1998).

[...] aprender a fazer está estreitamente ligado à questão da formação profissional compreendendo o desenvolvimento de atividades que aumente a capacidade do aluno de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos oferecendo oportunidade de desenvolvimento de competências amplas para enfrentar o mundo do trabalho. (*apud* PASCHOAL, 2013, p 07)

Neste contexto o trabalho de campo não é feito apenas como uma oportunidade para romper com a rotina cotidiana da sala de aula vai além, se configurando em um momento em que

[...] podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (DE MARCOS, 2006, p. 106).

O trabalho de campo, realizado com os alunos do colégio de Jardim Alegre, foi planejado pelos bolsistas do PIBID de Geografia em parceria com os professores das disciplinas envolvidas, ficando a cargo dos primeiros a organização das atividades a serem desenvolvidas no dia de campo, como: agendar horários e obter autorizações dos locais visitados e articulação com os departamentos, laboratórios e serviços, como Restaurante Universitário – onde os alunos fizeram a refeição – da Universidade Estadual de Londrina, e Secretaria Estadual de Meio Ambiente responsável pela administração do Jardim Botânico.



Figura 1 – Alunos no Restaurante Universitário (RU)

O campus da Universidade Estadual de Londrina faz parte do cotidiano dos bolsistas, e o Jardim Botânico é uma área que foi estudada, anteriormente, pelos bolsistas, através de trabalhos de campo e trilhas interpretativas junto a alunos de outras instituições de ensino.

Ambas as experiências favoreceram a mediação dos bolsistas, durante o trabalho realizado. Apesar do conhecimento sobre os locais visitados foram realizadas pelos bolsistas, previamente, pesquisas mais detalhadas sobre os dados da universidade

e do Jardim Botânico, para serem repassados aos alunos a fim de demonstrar os aspectos históricos, os dados numéricos, bem como o uso atual dos locais visitados.

ROTEIRO

- A Universidade Estadual de Londrina – UEL

O trabalho no Campus e no Jardim Botânico foi dirigido por bolsistas do PIBID, os quais se reuniram no estacionamento da Biblioteca Central, nas proximidades do Núcleo de Bem Estar da Comunidade Universitária (NUBEC), onde receberam os participantes, explicaram o objetivo do trabalho de campo e firmaram o ‘contrato didático’ para a concretização das atividades no decorrer do dia.

Neste primeiro momento os alunos obtiveram conhecimento acerca da administração e distribuição das bibliotecas e outros locais da universidade, como a Livraria da UEL, um espaço privado para a comercialização, a preço acessível, de algumas obras.



Figura 2 – Recepção dos alunos no Campus da UEL

A Biblioteca Central se reúne obras de todas as áreas do conhecimento; além de um sistema de reserva e renovação deste online viabilizando a logística administrativa deste espaço. Além destes ambientes mobilizadores de leitura e estudos, há bibliotecas setoriais específicas de cada área do conhecimento e com localizações em pontos internos e externos do Campus, como o Escritório de Aplicação de Assuntos Jurídicos

(EAAJ) na região central da cidade, voltada para assuntos ligados ao curso de Direito; a do Centro de Ciências da Saúde (CCS) na região leste da cidade, junto ao Hospital Universitário, voltado para as áreas de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia; a da Clínica Odontológica Universitária (COU) localizada também na área central, específica para o curso de Odontologia; e a de Ciências Humanas (CH) que abrange os cursos dos departamentos Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA), Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA), Centro de Educação Física e Esportes (CEFE) e Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH).

Por meio desta apresentação inicial, houve a contextualizado junto aos alunos sobre algumas questões referentes ao planejamento da instituição, como a necessidade de instalação destes “centros de apoio” externos à área do campus para comportar e atender as necessidades específicas de cada área do conhecimento quando necessárias; o que também viabiliza/ou algumas reflexões acerca desta comunidade acadêmica como um todo ao longo das décadas, relacionada ao aumento do número de discentes, docentes, produções científicas e equipamentos/infraestrutura.

Durante a caminhada pelo Campus foram trabalhados alguns dados sobre a universidade, referente ao número de discentes, docentes, corpo técnico-administrativo; formas de ingresso; auxílios permanência; programas/projetos institucionais existentes; além de conversas informais na tentativa de conhecermos as expectativas dos alunos, questionando-os sobre suas projeções para o futuro, como, por exemplo, os cursos/áreas que pretendiam atuar. Logo após, pode ser observada a importância de instituições econômicas (sistemas bancários) dentro do âmbito universitário, que está relacionada à densidade da comunidade acadêmica.

Para um melhor aproveitamento da atividade de campo os alunos foram distribuídos em dois grupos, com o objetivo de minimizar o número de alunos e repassar as informações de maneira mais clara e precisa. Após a divisão, um grupo se dirigiu para o CESA (Centro de Estudos Sociais Aplicados), CCH (Centro de Ciências Humanas), CECA (Centro de Educação, Comunicação e Artes) e CEF (Centro de Educação Física), enquanto que o outro grupo se dirigiu para o CCB (Centro de Ciências Biológicas) e Reitorias,

Durante a caminhada pelo campus foram realizadas paradas onde os bolsistas descreviam as características do espaço visitado, apresentando os cursos de cada centro

sanando as dúvidas e questionamentos dos alunos, conforme veremos a seguir na descrição do relato do percurso.

O percurso pelo campus foi realizado tendo o calçadão como um “norte” no trajeto realizado com os alunos, foi abordado com estes alguns traços de sua história com a universidade. Pois o mesmo foi construído atravessando a UEL ao meio, conforme figura e localizando os departamentos às laterais, viabilizando a intervenção dos militares quando necessário (considerando o contexto ditatorial), ao final, os grupos se encontraram nas proximidades da Biblioteca Central e o percurso foi invertido pelos grupos.



Figura 3 – Mapa do Campus/UEL

Fonte: <http://www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/mapa-campus.php>

No Centro de Ciências Exatas (CCE), os alunos obtiveram conhecimento dos presentes cursos de graduação, como Matemática, Química, Física e Ciências da Computação, além do curso/departamento de Geociências que possibilitou um resgate histórico acerca do planejamento/organização da universidade, já que esta foi

implantada na década de 1970, durante o Regime Militar (1964-1985), fazendo com que o departamento/curso de Geografia fosse separado do curso de História e alocado no CCE para evitar possíveis conspirações contra o governo ditatorial da época.



Figura 4- Visita ao Departamento de Geociências

Ao percorrermos o calçadão passamos pela Capela Ecumênica, uma réplica da primeira Catedral do Município de Londrina, que tem como objetivo viabilizar uma abordagem cultural sobre suas variáveis permeantes, devido ao seu caráter Ecumênico, ou seja, de tentar conciliar todas as religiões. Além de algumas manifestações artísticas nesta.



Figura 5- caminhada pelo calçadão do campus



Figura 6- Visita á Capela Ecumênica

O Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) conta com os cursos de História, Filosofia, Ciências Sociais e Letras; neste centro houve novamente a

possibilidade de exploração de algumas questões sobre planejamento de alguns departamentos, já que apresentam uma organização estrutural arquitetônica peculiar do período ditatorial, como as portas de entrada das salas de aula atrás (“de costas”) para os alunos, viabilizando a infiltração de algum espião para monitorar o que estava sendo trabalhado/construído intelectualmente dentro destes espaços. Além de ser um dos centros mais antigos da universidade.

O Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA) abriga os cursos de Direito, Economia, Administração e Serviço Social, sua arquitetura é mais moderna.

O Centro de Ciências Humanas (CCH) abriga a Biblioteca Setorial, os alunos conheceram este ponto localizado no campus, ao final do calçadão que “divide/atraversa” a academia ao meio. Possibilitando ao final deste (calçadão) que os mesmos também obtivessem conhecimento da localização do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) que desenvolve atividades formativas, com professores efetivados da rede pública de ensino; e do Centro de Educação Infantil/Aplicação tendo como público discente principal os filhos de servidores da instituição.



Figura 7- Centro de Estudos Sociais Aplicados - CESA

Sendo um dos últimos centros construídos, o Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) aloca os cursos de Artes Visuais, Ciência da Informação, Comunicação, Design, Educação, Música e Teatro. Neste momento, foi interessante que os presentes alunos se deparassem com a diversidade cultural/artística (concentrada neste centro) para que os mesmos obtivessem o dimensionamento em vias ambientais,

políticas e culturais de uma universidade. Em relação a este local, um dos alunos assim se expressou: “Gostei da área de artes, onde eles fazem protestos, são livres...”.

O Centro de Educação Física e Esporte (CEFE) abriga os cursos de Ciências do Esporte e Educação Física, o CEFE também possui como complementares estruturais, o ginásio de esportes, academia e pista olímpica para realização de algumas atividades esportivas quando necessário.

No Centro de Ciências Biológicas (CCB) os bolsistas do PIBID fizeram uma relação da teoria aprendida em sala de aula, apoiados pela Professora de Sociologia que acompanhava o grupo, com o histórico da criação, arquitetura e implantação do campus universitário dentro do regime militar, que na semana da realização do campo completava 50 anos do golpe militar.



Figura 8- Aula de Campo –
Tema 50 anos do Golpe Militar

Assim, abrangemos conhecimentos acerca da expansão da universidade, em termos científicos/acadêmicos e, conseqüentemente, estruturais. A Universidade estudada conjuntamente com a atividade abordada junto aos alunos, possibilitou algumas considerações acerca de suas dimensões políticas, econômicas, culturais e ambientais. O exemplo disso pôde ver verificado, durante o trajeto, como o funcionamento do sistema de circulação (de ônibus, carros, entre outros veículos) envolvendo a campanha pé na faixa, onde o pedestre dentro desta localidade tem prioridade (devido à ausência de semáforos dentro do mesmo), além da influência política na lógica organizacional desta durante a sua construção no período ditatorial. A

presença do Hospital das Clínicas (localizado no campus) e o Hospital Universitário (localizado na zona leste/externo ao campus) constituem a identidade que Londrina possui como pólo atrativo na área/serviços de saúde na região norte do estado do Paraná.

Foram ressaltados também outros pontos como: - os incentivos governamentais para a produção científica através de bolsas, via projetos, auxílio permanência, ciências sem fronteiras, moradia estudantil, entre outros; - medidas adotadas pelo Restaurante Universitário referente à substituição dos copos descartáveis diários pela caneca única; - memoriais (estátuas) de alguns líderes presentes nos espaços visitados. Assim, foi possível resgatar a diversidade cultural de estilos, etnias, religiões, orientação sexual, entre outros, dos estudantes, que remontam a vivência pautada no respeito, igualdade e liberdade entre os indivíduos juridicamente iguais na sociedade e contexto vivido atualmente.

Muitos mais do que apresentar o campus, aos alunos, os bolsistas procuraram transmitir a sua experiência pessoal dentro da universidade. Com este enfoque muitos alunos tomaram a decisão de buscar por uma formação acadêmica, segundo, um relato “A pesquisa do campo só aumentou a certeza do curso que eu quero fazer.”

O Jardim Botânico de Londrina

Na segunda etapa deste trabalho de campo, os alunos foram levados ao Jardim Botânico de Londrina, que recentemente foi inaugurado.



Figura 9-10 Jardim Botânico de Londrina

Considerando o significativo distanciamento locacional deste em relação a UEL, houve a possibilidade de algumas intervenções durante o trajeto à margem do aglomerado de edifícios/densa urbanização/empreendimentos imobiliários que a presente cidade vem vivenciando.

Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer uma parte organizacional da cidade de Londrina referente à localização do shopping Catuaí, dos condomínios residenciais, de outras universidades presentes na cidade, como a Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e a Pitágoras, o “boom” dos empreendimentos imobiliários, e a duplicação da PR-445, ou seja, foi possível compreender parte da lógica de atração dos investimentos materializados no espaço geográfico londrinense. Em seguida, constatou-se também a localização do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) próximo ao Jardim Botânico. Tais circunstâncias locais, lembram Frigant, Lung e Pallarès-Barbera entre as décadas de 1970 e anos 2000, em que:

Alguns estudos já demonstraram que para uma determinada organização produtiva há a correspondência de uma manifestação espacial particular, ou seja, as dinâmicas de transformação que acompanham uma organização produtiva particular induziram a reconfigurações na distribuição geográfica das atividades econômicas (FRIGANT; LUNG, 2002, PALLERES-BARBERA, 1998).

No Jardim Botânico, os alunos foram recepcionados pelo guia local, conhecido popularmente como João “das Águas”, onde as atividades neste local de iniciaram pela participação destes de uma dinâmica desenvolvida na sala temática dotada de equipamentos tecnológicos sensoriais de projeção acerca de alguns elementos da natureza; além da apresentação de vídeo documentário esclarecendo o processo de colonização da cidade de Londrina, remontando ao porque da necessidade de preservação daquele espaço enquanto símbolo ambiental, histórico e, consequentemente, turístico.

Em seguida, o trajeto previsto cruzou por alguns pontos do Jardim Botânico, como: o lago/espelho d’água, cuja nascente encontra-se dentro deste mesmo local; a construção da estufa que conterà espécies vegetais que não possuem no Brasil; a projeção de um anfiteatro a “céu aberto”; o emaranhado de bambuzais; além de algumas trilhas que foram percorridas, adentrando a mata/vegetação nativa,

viabilizando a percepção sensorial sobre o meio ambiente natural (distanciado do urbano) através das mudanças de temperatura, umidade, sons, entre outros, nas partes internas. Este espaço, dotado de suas singularidades variantes, instigou a percepção dos participantes (professores, alunos, estagiários/bolsistas e guia) em relação ao ambiente apreciado. De acordo com o relato de um dos alunos, após o término do trabalho: “Gostei de conhecer melhor a natureza no Jardim Botânico; as nascentes das águas [...]”.



Figura 10- Jardim Botânico de Londrina – Trilha interpretativa com os alunos

RESULTADOS

Por meio do trabalho de campo, organizado e conduzido pelos bolsistas do PIBID, do curso de Geografia da UEL, foi possível praticar a tarefa docente de planejar e mediar uma saída a campo, desencadeando habilidades de organização, competência, de trabalho em equipe e de aprimoramento de técnicas de trabalhos práticos junto aos alunos da educação básica.

O contato com uma nova realidade determina, por si só, o início do processo de aprendizagem com o objetivo principal de despertar, nos sujeitos, uma visão crítica e reflexiva do mundo, no qual estão inseridos como protagonistas, como expressado nas palavras de um dos educandos ao visitar, pela primeira vez, a UEL, por meio do trabalho de campo proposto: “[...] é diferente de tudo que imaginava, mudou o modo de pensar e até o objetivo. Mostra culturas e escolhas diferentes, e que é uma vida

completamente diferente de um estudante de ensino médio ou magistério”. Este depoimento foi colhido durante o trabalho de campo realizado na UEL, demonstrando o imaginário dos estudantes em relação à universidade como campo científico, local de produção de pesquisa e conhecimento.

O depoimento a seguir demonstra o potencial do trabalho de campo na mobilização do pensamento e da ação, pois ao ser interrogado a respeito dos pontos que mais gostou de conhecer em Londrina, um dos participantes respondeu: “Gostei muito de tudo, principalmente de poder conhecer a universidade, pois podemos conhecer o lugar onde futuramente vamos passar o maior tempo de nossa vida”. Ao proporcionar momentos de descontração e informalidade, o trabalho de campo motiva e empolga os alunos, por ser potencialmente gerador de uma relação aberta e dialógica, logo, aproximando a complexa relação entre estes e seus professores.

Outro momento essencial desta metodologia foi confirmado pela admiração demonstrada pelos estudantes ao conhecerem o Jardim Botânico de Londrina, com o intuito de analisar a diversidade em um ambiente múltiplo, utilizado como reserva natural, campo de pesquisa, mas também de lazer e esportes, proporcionando à população local, momentos de contato direto com a natureza.

A realização do trabalho de campo, com alunos de Jardim Alegre, propiciou aos bolsistas do PIBID a experiência da liberdade para trabalhar conteúdos, não sendo obrigados a abordar exatamente como consta nos livros didáticos, muito pelo contrário ir além daquilo que está no livro, muito menos estar preso entre as paredes de uma sala de aula ou intramuros.

Diante da expectativa proposta e atividade desenvolvida, o presente trabalho torna-se um ‘pequeno tijolo’ assentado em microescala na tentativa de mitigar as distâncias existentes entre parcerias de universidades e escolas, e de aproximação da universidade aos alunos que encontram a ausência desta instituição em suas localidades (distritos, municípios, cidades ou regiões), visando uma ampliação do sonhado acesso democrático dos alunos a estes ambientes.

Outro ponto considerável foi o impacto que tal atividade desenvolveu sobre/nos alunos (público) presente. Pois muitos dos quais os estagiários conversaram após e durante os trajetos disseram elevar a certeza do curso pretendido e alimentar o almejado ingresso na UEL. Também houve contribuições para que estes ampliassem as suas

“visões de mundo” quando os mesmos se depararam com a quantidade da população discente, docente, técnicos administrativos, entre outros; das diversidades de estilos culturais urbanos presentes no campus; e da extensão deste, pois atualmente a UEL comporta o número total/geral de sua comunidade próximo ao número de habitantes de Jardim Alegre.

Após as práticas compartilhadas, pretendemos que este trabalho sirva de inspiração para que outros grupos, instituições, ou organizações de variadas naturezas trilhem por este caminho tentando minimizar os objetivos propostos, independentemente de suas escalas locais.

O processo de elaboração e aplicação de atividades possibilitou aos bolsistas de iniciação à docência, o desenvolvimento do senso crítico, sendo uma atividade indispensável na construção da identidade profissional, uma vez que o professor, enquanto sujeito da própria formação, constrói seus saberes ancorados na superação da fragmentação do conhecimento, fator determinante para desencadear o ímpeto de seguir na carreira docente com maior responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- BOVO, Marcos Clair. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógica. **Revista Urutáguá**. Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. N. 07
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, n.16, p. 133-152. 1º semestre/2011.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.
- DE MARCOS, V. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84. São Paulo, jul. 2006, p. 105-136.
- DELORS J. et al.. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez. 1998
- IPARDES. Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br> Acesso em 03/08/2014.
- MARTINEZ, A. **Gestão Escolar**. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_adilson_martinez.pdf Acesso em 03/08/2014.

PASCHOAL, Wilson A. **Uma aventura pedagógica com base nos quatro Pilares da educação.** Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/13837_6516.pdf, Acesso em 03/08/2014.

Prefeitura de Jardim Alegre. Disponível em:

<http://www.jardimalegre.pr.gov.br/escolas.php> Acesso em 03/08/2014.